

kogut@oglobo.com.br

PATRÍCIA KOGUT



COM ANNA LUIZA SANTIAGO (INTERINA), RAFAELA SANTOS E GABRIELA ANTUNES

MULTIDÃO

O elenco de "TOCs de Dalila", do Multishow, será mais numeroso do que o das novelas de antigamente: 101 atores participarão da série. Inclusive quem não é visto na TV há tempos, como Mauricio Mattar, Marcello Picchi e Mário Gomes, que estarão no episódio "A volta dos que não foram".

10

Para o "Encontro com Fátima Bernardes", que ontem comemorou cinco anos e recebeu as travestis do filme "Divinas divas". O programa debateu temas importantes, como preconceito. Foi demais.

0

Para "Berenice e você", atração dominical da RedeTV!. Não bastasse a realização tosca, antontem a apresentadora pronunciava "adevogado". Que derrapada, hein.



RAQUEL CUNHA/TV GLOBO

ESTÁ DE VOLTA

Em seu primeiro dia de gravações de "Os dias eram assim", José de Abreu cumprimenta o diretor artístico da supersérie, Carlos Araújo, e a diretora Carla Bohler. O ator viverá Ernesto, um militar reformado

...E mais

Henri Castelli fará a série. Seu personagem será paquerado por Dalila (Heloísa Périssé) e Olga (Maria Clara Gueiros). Débora Nascimento também foi convidada para a atração.

Dança das cadeiras

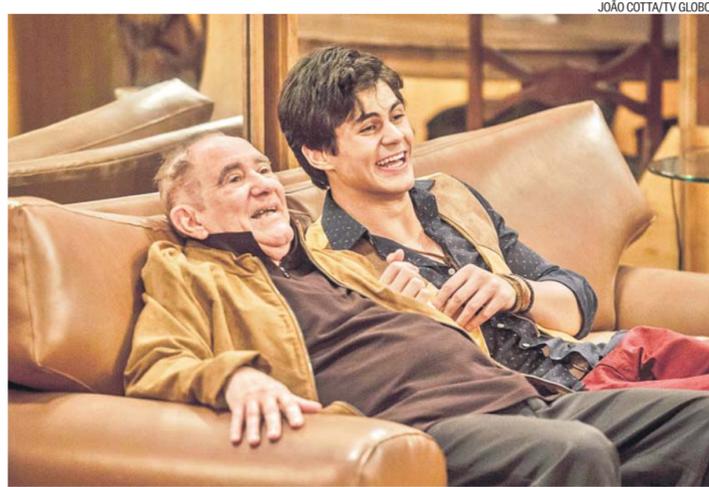
Ivete Sangalo deixará o "The voice kids" e passará a integrar o time do "The voice Brasil" na nova temporada, este ano. Ela entrará no lugar de Claudia Leite, que agora fará a versão infantil do reality, em 2018.



DIVULGAÇÃO

TURMA DO RISO

Gustavo Mendes, que estrela o "Treme treme" no Multishow, gravou com Hélio de la Peña, Hubert, Cláudio Manoel, Beto Silva e Reinaldo para a segunda temporada de "Procurando Casseta & Planeta", também do canal



JOÃO COTTA/TV GLOBO

Ô DA POLTRONA

Renato Aragão e Lucas Veloso se divertem nas gravações do remake de "Os Trapalhões", que estreia dia 17 de julho no Viva e em setembro na Globo. No programa, dirigido por Fred Mayrink, Renato voltará a encarnar Didi e Lucas será Dídico

VELHO CAMINHO

O diretor Jayme Monjardim está dedicado à trilha de "Tempo de amar", trama das 18h de Alcides Nogueira escrita com Bia Corrêa do Lago. Djavan, Sandy e Maria Gadú compõem músicas originais só para a novela. E "Caminho de pedra", de Tom Jobim, na voz de Caetano Veloso, estará na produção.

Planejamento

Os 12 episódios de "Ilha de ferro", série da Globo ambientada numa plataforma de petróleo, já estão escritos. A emissora agora estuda os custos da produção e avalia como seria a logística para as gravações. O programa tem redação final de Adriana Lunardi e supervisão de texto de Mauro Wilson.

Territórios

A série da Record "Conselho tutelar" foi vendida para a Coreia do Sul. A produção será dublada para o inglês e depois ganhará legendas em coreano. A terceira temporada deverá estreiar aqui ainda este ano.

Mais uma

Priscila Steinman fará uma participação em "Novo Mundo" como amante de Dom Pedro (Caio Castro).

Internacional

"Dupla identidade" foi tema de uma crítica do site VODzilla.co, do Reino Unido. O texto elogia o trabalho de Bruno Gagliasso como o serial killer Edu na série de Gloria Perez. A atração, exibida pela Globo em 2014, está no ar no Channel 4, uma das principais emissoras de lá.

Lá vem neném

Chris Flores vai estreiar o quadro "Olha quem chegou", sobre gravidez, no programa "Eliana", do SBT. No fim do ano, a apresentadora voltará a gravar o reality "Fábrica de casamentos", que tem uma segunda temporada garantida para 2018.

NA WEB
patriciakogut.com

O mundo da televisão passa por aqui. Visite.

ENTREVISTA Amós Oz

DIVERSÃO E ESCÂNDALO

Para escritor israelense de 77 anos, busca por respostas simples para questões complexas explica ascensão de radicais

ALESSANDRO GIANNINI

De São Paulo
alessandro.giannini@sp.oglobo.com.br

No Brasil para participar do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, o escritor e ativista político israelense Amós Oz, 77 anos, falou ontem em São Paulo e segue hoje para Porto Alegre, onde dará palestra amanhã, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Oz aproveitou a ocasião para lançar "Mais de uma luz" (Companhia das Letras), que reúne três ensaios, dos quais o que abre o livro, "Caro fanático", é uma versão revista, reeditada e ampliada de "Como curar um fanático". Na entrevista a seguir, ele fala sobre o aprofundamento da polarização, da eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e da solução de dois estados para Israel.

• O que aconteceu para o aprofundamento das divisões, do radicalismo e do extremismo no mundo?

Estamos testemunhando uma crescente polarização e radicalização. Mais e mais pessoas tendem ao extremismo. A maior parte à direita, às vezes à esquerda, às vezes a um profundo extremismo religioso. Isso acontece porque as questões estão se tornando cada vez mais complexas. Com isso, muitas pessoas buscam respostas simples, de uma sentença, que cubram amplamente tudo o que se está perguntando. E são sempre os extremistas, os fanáticos e os radicais que têm as respostas mais simples. Eles têm o tipo de resposta que cobre todas as perguntas do mundo.

• O senhor acha que as redes sociais tiveram um papel nessa busca por respostas simples e rápidas para

questões complexas?

A rede social não é necessariamente a causa, mas um sintoma, porque está se tornando parte da indústria do entretenimento. Para vender, publicizar e competir, eles jogam uma celebridade aos leões duas vezes por semana. Da mesma forma que, na Roma antiga, no Coliseu, jogavam as pessoas aos leões. Também, muito frequentemente, essas redes sociais espalham simplificações — respostas simples para questões complexas: "a culpa é da globalização", "a culpa é do Islã", "a culpa é do sionismo", "a culpa é do colonialismo imperialista". Não importa quem, o importante é culpar alguém. Isso é muito perigoso e infantil, faz parte de um fenômeno da infantilização da raça humana.

• O senhor menciona a indústria do entretenimento. Por quê?

A imprensa e a mídia estão se tornando uma extensão da indústria do entretenimento. As pessoas leem os jornais não para ponderar ou estudar, ou para ampliar seus horizontes. Elas buscam diversão ou escândalo ou sensacionalismo. Querem na política, também. Em muitos países, vejo eleitores que votam não porque desejam levar alguém para o Parlamento ou para o governo para representar seus ideais, mas porque querem que a política seja divertida, animada e escandalosa.

• Foi o que aconteceu nos Estados Unidos, com a eleição de Donald Trump para a presidência?

De alguma forma, está acontecendo em todos os lugares. Vários parlamentos ao redor do mundo estão cheios de celebridades e personalidades da TV. O limite entre a política e entretenimento está desaparecendo. As pessoas querem os po-



EDILSON DANTAS

Desvio. Para Amós Oz, eleitores não escolhem candidatos por suas ideias: "Querem que a política seja divertida, animada e escandalosa"

“Estamos testemunhando uma crescente polarização e radicalização. Mais e mais pessoas tendem ao extremismo”

líticos para entretê-los, não para resolver os seus problemas. Não nos deem ideias, deem-nos frases de efeito; não nos deem uma visão, deem-nos um escândalo; não expressem um horizonte, expressem um insulto doloroso aos seus rivais. Essa é uma perigosa síndrome que está atingindo o futuro da democracia. Sei que isso acontece aqui no Brasil. E também em Israel, nos EUA e na Europa.

• O senhor não mencionou o presidente americano, Donald Trump, em sua resposta. Mas gostaria de insistir. Quem eram os rivais de Donald Trump no Partido Republicano que não foram eleitos candidatos (nas primárias)? Muitos deles eram fanáticos religiosos. Trump não é um fanático religioso, é um adolescente extravagante, ávido por atenção. É ruim, mas nem tanto. Se os EUA tivessem eleito um fanático eu me preocuparia mais. Quando meus amigos em Nova York lamentaram a eleição dele dizendo que haviam eleito um Hitler, eu respondi: "Ele está mais

para (o ex-primeiro-ministro italiano Silvio) Berlusconi".

• Outro escritor israelense, David Grossman, disse que a única solução possível para a questão entre Israel e palestinos são dois estados. O senhor defende a mesma solução?

O que precisamos é o que meu amigo David Grossman disse, e que eu venho defendendo desde o fim da Guerra dos Seis Dias, em 1967: dividir uma pequena casa em duas ainda menores, Israel ao lado da Palestina, como vizinhos. Primeiro, israelenses e palestinos terão que aprender a dizer "bom dia" e parar de atirar uns nos outros. Depois, eles terão que desenvolver o hábito de se visitar para tomar café e conversar. Eventualmente, eles deverão fazer o almoço juntos, o que significa dividir a economia. No futuro, quem sabe, um mercado comum. O primeiro passo deve ser um divórcio justo. Duas famílias, dois países vizinhos e em bases iguais, soberanos e mutuamente reconhecidos. •